

## A Psicanálise, sua Historicidade e Contribuição

Teoniza Leite Amorim  
Ana Lúcia de L. M. Galvão

Para iniciar, Psicanálise é um método de investigação que busca os significados dos atos, palavras e produções imaginárias, por meio da associação livre, que é observada a partir da dedicada atenção definida como uniformemente flutuante, visando colher dados que ensejem uma interpretação.

Já diz Freud: “É a profissão de pessoas leigas que curam almas e educam emoções, ocupa-se dos distúrbios originados no inconsciente. Seu propósito é descobrir no inconsciente dos seres humanos as necessidades, complexos, traumas e tudo o mais que perturbe o psiquismo, trazendo-os à tona da consciência, a fim de removê-los e possibilitar, assim, o equilíbrio emocional do indivíduo”.

Para chegar a uma conclusão, resolveu Freud estudar com o psiquiatra francês Jean-Martin Charcot, que usava na época a hipnose para o tratamento da histeria. Um ano depois, filiou-se a Josef Breuer, que levava seus pacientes à catarse, solicitando deles que falassem dos seus sintomas. De suas observações, a esse tempo, Freud deduziu que, na base da histeria, o que havia eram conflitos sexuais inconscientes e a hipnose como método de tratamento era muito pobre para alcançar a cura dos vitimados pelas doenças no nível psíquico, convicções essas, levaram Breuer a separar-se de Freud.

Munido dessas experiências, começa Freud, então, a formular os métodos da associação livre (dizer, sem censura, o que quer que venha à mente) e da interpretação dos sonhos, como instrumentos técnicos de tratamento. A teoria psicanalítica foi desenvolvida pelo neurologista austríaco Sigmund Freud no fim do século XIX, início do século XX e está intimamente relacionada à prática psicoterapêutica. É uma teoria que procura descrever a

etiologia dos sintomas da mente, o desenvolvimento do homem e de sua personalidade, além de explicar a motivação humana. Com base nesse corpo teórico Freud desenvolveu um tipo específico de tratamento para os transtornos mentais. Ao conjunto formado pela teoria, a prática terapêutica nela baseada e os métodos utilizados, Freud a denominou de Psicanálise.

A Psicanálise é ao mesmo tempo um modo particular de tratamento do desequilíbrio mental e uma teoria psicológica que se ocupa dos processos mentais de natureza inconsciente. E, como foi que Sigmund Freud iniciou sua técnica analítica? Tudo começou na verdade com um consultório, uma cadeira, um divã e uma atitude de interesse pelo problema do paciente que ele começou a evoluir, partindo exclusivamente de observações pessoais. Ele que era um médico neurologista em Viena, especialista em doenças nervosas, na continuação do seu esquema deu-se conta de que podia descobrir muito mais do que até então, pudera presumir, já que, na verdade, a chave de tudo estava no saber ouvir o inconsciente, embora, nesse tempo, houvesse ainda muita intuição.

A partir desse convencimento, tudo foi feito com o objetivo de formular um processo terapêutico. E, o que vem a ser um processo terapêutico? Um processo terapêutico é uma série de inter-relacionamentos de fatos, que, no caso, teriam de ser psíquicos, os quais, apropriadamente instigados por processos técnicos, ensejariam efeitos terapêuticos. Com os processos terapêuticos temos a ab-reação, a compreensão interna, e o resgate das lembranças antigas.

Ao final do seu esforço, podemos dizer que a Psicanálise é uma forma especial de psicoterapia, embasada numa extensa teoria acerca da estrutura da personalidade (tanto normal ou como patológica), que admite que as principais forças psicodinâmicas se origina especialmente, na parte inconsciente da mente.

Portanto, podemos também dizer que a Psicanálise fundada por Sigmund Freud, como ele a distingue em níveis de conhecimento, no dizer de

LAPLANCHE & PONTALIS, in *Vocabulário de Psicanálise* (2001, p. 384-850),  
como:

[...] A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das projeções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.

B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou uma análise).

C) Um conjunto de teorias psicológicas, e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento.

Desse modo, a Psicanálise representa um campo clínico de investigação teórica, própria, da psique humana, totalmente independente da Psicologia.

Em nossa sociedade não faltam alternativas e práticas que se propõem a fornecer respostas prontas. Para Lacan, entretanto, o analista é o único que tem a oportunidade de “responder”. E aqui se vê como Lacan é cauteloso: “não é certeza, não é garantido, mas o analista é o único que tem a chance de ser intérprete”. Mas o que é ser intérprete, como o analista interpreta, a partir do quê?

Para Lacan, sua primeira intervenção na psicanálise é para situar o Eu como instância de desconhecimento, de ilusão, de alienação, sede donarcisismo. É o momento do Estádio do Espelho. O Eu é situado no registro do Imaginário, juntamente com fenômenos como amor e ódio. É o lugar das identificações e das relações duais. Distingue-se do Sujeito do Inconsciente, instância simbólica. Lacan reafirma, então, a divisão do sujeito, pois o Inconsciente seria autônomo com relação ao Eu. E é no registro do Inconsciente que deveríamos situar a ação da psicanálise.

Esse registro é o do Simbólico, é o campo da linguagem, do significante. Lévi-Strauss afirmava que "os símbolos *são mais reais que* aquilo que simbolizam, o significante precede e determina o significado", no que é seguido por Lacan. Marca-se aqui a autonomia da função simbólica. Este é o Grande Outro que antecede o sujeito, que só se constitui através deste - "o inconsciente é o discurso *do* Outro", "o desejo é o desejo do Outro". O campo de ação da psicanálise situa-se então na fala, onde o inconsciente se manifesta, através de atos falhos, esquecimentos, chistes e de relatos de sonhos, enfim, naqueles fenômenos que Lacan nomeia como "formações do inconsciente". A isto se refere o aforismo lacaniano "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" .

O Simbólico é o registro em que se marca a ligação do Desejo com a Lei e a Falta, através do Complexo de Castração, operador do Complexo de Édipo. Para Lacan, "a lei e o desejo recalcado são uma só e a mesma coisa". Lacan pensa a lei a partir de Lévi-Strauss, ou seja, da interdição do incesto que possibilita a circulação do maior dos bens simbólicos, as mulheres. O desejo é uma falta a ser metaforizada na interdição edipiana, a falta possibilitando a deriva do desejo, desejo enquanto metonímia. Lacan articula neste processo dois grandes conceitos, o Nome-do-Pai e o Falo. Para operar com este campo, cria seus Matemas.

É na década de 1970 que Lacan dará cada vez mais prioridade ao registro do Real. Em sua tópica de três registros, Real, Simbólico e Imaginário, RSI, ao Real cabe aquilo que resiste a simbolização, "o real é o impossível", "não cessa de não se inscrever". Seu pensamento sobre o Real deriva primeiramente de três fontes: a ciência do real, de Meyerson, da Heterologia, de Bataille, e dos conceitos de realidade psíquica e de pulsão, de Freud. O Real toca naquilo que no sujeito é o "improdutivo", resto inassimilável, sua "parte maldita", o gozo, já que é "aquilo que não serve para nada". Na tentativa de fazer a psicanálise operar com este registro, Lacan envereda pela Topologia, pelo Nó Borromeano, revalorizando a escrita, constrói uma Lógica da Sexuação ("não há relação sexual", "A Mulher não existe"). Se

grande parte de sua obra foi marcada pelo signo de um retorno a Freud, Lacan considera o Real, junto com o *Objeto a* ("objeto ausente"), suas criações.

No Brasil, um dos principais pioneiros da psicanálise lacaniana é MD Magno, fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, em 1975, bem como Célio Garcia, um dos primeiros a introduzir o pensamento de Lacan na Universidade, em Minas Gerais. O trabalho de Lacan exerce forte influência nos rumos do tratamento psíquico, inclusive na definição de políticas de saúde mental, especialmente no Brasil. Sigmund Freud e a psicanálise se popularizaram de tal forma que suas ideias são, muitas vezes, veiculadas de modo errôneo e distorcido, como tudo que passa por um processo de grande divulgação, em especial numa sociedade de massas como a nossa.

Assim, é preciso, antes de mais nada, esclarecer o significado dessa expressão. O que é psicanálise? Em primeiro lugar, uma teoria que pretende explicar o funcionamento da mente humana. Além disso, a partir dessa explicação, ela se transforma num método de tratamento de diversos transtornos mentais.

São dois os fundamentos da teoria psicanalítica: 1) Os processos psíquicos são em sua imensa maioria inconscientes, a consciência não é mais do que uma fração de nossa vida psíquica total; 2) os processos psíquicos inconscientes são dominados por nossas tendências sexuais.

## Sexo e Libido

Nesse sentido, Freud buscou explicar a vida humana (pessoal e individual, mas também pública e social) recorrendo a essas tendências sexuais a que chamou de libido. Com esse termo, o pai da psicanálise designou a energia sexual de maneira mais geral e indeterminada. Assim, por exemplo, em suas primeiras manifestações, a libido liga-se a outras funções vitais: no bebê que mama, o ato de sugar o seio materno provoca outro prazer além do de obter alimento e esse prazer passa a ser buscado por si mesmo.

Por isso, Freud afirma que a boca é uma "zona erógena" e considera que o prazer provocado pelo ato de sugar é sexual. Portanto, repare bem, a libido pode nada ter em comum com as áreas genitais.

Posto isso, a psicanálise compreende as grandes manifestações da psique como um conflito entre as tendências sexuais ou libido e as fórmulas morais e limitações sociais impostas ao indivíduo. Esses conflitos geram os sonhos, que seriam, segundo a interpretação freudiana, as expressões deformadas ou simbólicas de desejos reprimidos. Geram também os atos falhos ou lapsos, distrações falsamente atribuídas ao acaso, mas que remetem ou revelam aqueles mesmos desejos.

### Transferência e sublimação

A transferência é o deslocamento do sentido atribuído a pessoas do passado para pessoas do nosso presente. Esta transferência é executada pelo nosso inconsciente. Para a teoria freudiana, esse fenômeno é fundamental para o processo de cura.

Na Psicanálise, a transferência é um fenômeno que ocorre na relação entre o paciente e o terapeuta, quando o desejo do paciente irá se apresentar atualizado, com uma repetição dos modelos infantis, as figuras parentais e seus substitutos serão transpostas para o analista, e assim sentimentos, desejos, impressões dos primeiros vínculos afetivos serão vivenciados e sentidos na atualidade. O manuseio da transferência é a parte mais importante da técnica de análise.

Freud reconheceu a possibilidade de que a transferência acontecia na relação professor-aluno. O professor tem seu sentido esvaziado para receber o sentido que é conveniente para o desejo inconsciente do aluno. Assim o professor se torna importante para o aluno, já que possui algo que pertence a ele. Desta situação o professor adquire poder, que tanto pode ser usado para ensinar e preparar o aluno quanto para influenciá-lo com o fim de doutriná-lo

segundo suas próprias crenças. O professor, como ser humano, também possui seu próprio inconsciente, portanto também pode transferir significado para o aluno - fato que também deve ser considerado ao se avaliar a relação.

A psicanálise, que se faz através da conversação, trata as doenças mentais a partir da interpretação desses fenômenos, levando o paciente a identificar as origens de seu problema, o que pode ser o primeiro passo para a cura. Um dos fenômenos que ocorrem durante a terapia psicanalítica é a transferência dos sentimentos (amor ou ódio) do paciente para o seu analista.

Outro conceito agregando à teoria por seu próprio criador foi o de sublimação que é um mecanismo de defesa pelo qual a energia psíquica de tendências e impulsos inaceitáveis primitivos se transforma e se dirige a metas socialmente aceitáveis, isto é, o inconsciente desloca energia de certas tendências condenáveis ou inaceitáveis, para realizações consideradas "superiores". Dessa forma, as necessidades instintivas e os impulsos inaceitáveis encontram na sublimação uma "saída", um modo "normal" de expressão. Aquelas tendências e impulsos primitivos inaceitáveis - com finalidades por exemplo pessoais, egoístas, proibidas, "irregulares" - são transformadas e sua energia é dirigida a atividades digamos científicas, altruísticas, políticas, artísticas, etc., pelo mecanismo da sublimação. Vê-se que assim o indivíduo ao mesmo tempo elimina ou reduz possibilidades de perversão, de neuroses, de anormalidades psíquicas, por meio da sublimação encaminha sua atenção e sua potencialidade para realizações e criações positivas. Assim, têm-se desenvolvido grandes promoções sociais e culturais baseadas no trabalho de uma pessoa, e também especialmente é assim que aparecem muitos grandes vultos na ciência, na literatura, na religião, etc. Por isso, a sublimação é tida como o mais importante mecanismo do inconsciente para a vida normal do indivíduo. Exemplo: um impulso libidinoso pode ser sublimado e dar ao indivíduo condições, interesse e sentimento estético para se transformar num grande músico; um impulso agressivo pode transformar um homem comum num ótimo pugilista, ou mesmo ótimo jogador de futebol. Nesses exemplos, a música (ou atividade artística) e o pugilismo ou futebol (também poderiam ser outras modalidades esportivas) são objetivos substitutos

apresentados pelo processo de sublimação: vem substituir os objetivos "condenáveis" daqueles impulsos interiores. Segundo Freud, que criou o termo, a sublimação é responsável por muitas "das nobres aquisições do espírito humano".

Ao contrário de outros mecanismos de defesa, na sublimação os impulsos encontram saída por via artificial. O impulso original desaparece quando a sublimação se completa, porque a energia dele lhe é retirada, e encaminhada para o objetivo-substituto, que compreende a transferência da libido para outros objetos de natureza não sexual, gerando fenômenos como a arte ou a religião. Além dele, há também o conceito de complexos, mecanismos associativos aos quais devem ser atribuídos as principais perturbações mentais.

Vale lembrar que o conceito "complexo" não é de Freud, mas de seu discípulo Carl G. Jung, que depois rompeu com o mestre e criou teoria própria (a psicologia analítica). De qualquer modo, na obra "A Interpretação dos Sonhos", de 1900, Freud já esboçara os fundamentos do Complexo de Édipo, segundo o qual o amor do filho pela mãe implica ciúme ou aversão ao pai.

Id, ego e superego

Em 1923, no livro "O Ego e o Id", Freud expôs uma divisão da mente humana em três partes:

1. o ego que se identifica à nossa consciência;
2. o superego, que seria a nossa consciência moral, ou seja, os princípios sociais e as proibições que nos são inculcadas nos primeiros anos de vida e que nos acompanham de forma inconsciente a vida inteira;
3. o id, isto é, os impulsos múltiplos da libido, dirigidos sempre para o prazer. (Os três termos alemães empregados por Freud, em sua língua



materna, eram "Ich", "Es" e "Überich", que se traduzem também por eu, isso e supereu.

A influência que Freud exerceu em várias correntes da ciência, da arte e da filosofia foi enorme. Mas não se deve deixar de dizer que muitos filósofos, psicólogos e psiquiatras fazem sérias objeções ao modo como o pai da psicanálise e seus discípulos apresentam seus conceitos: como realidades absolutas e não como hipóteses ou instrumentos de explicação que podem ser ultrapassados pela evolução científica e, em alguns casos, foram mesmo.

A depressão, por exemplo, é um transtorno mental para cujo tratamento a psicanálise pode funcionar somente como co-adjuvante, devido ao caráter bioquímico que está em sua origem. Além disso, em uma de suas últimas obras "O Mal-Estar na Civilização", publicado em 1930, Freud tenta explicar a história da humanidade como a luta entre os instintos de vida (Eros) e os da morte (Tanatos), teoria cujo caráter maniqueísta foi apontado por vários críticos.

A importância de Sigmund Freud para a ciência é inquestionável e reside principalmente em três pontos. Antes de mais nada, o destaque pioneiro que o médico vienense deu ao fator sexual que era até Freud uma área de completa ignorância para a ciência e a filosofia.

Além disso, vários conceitos desenvolvidos por Freud serviram a diversos ramos da psicologia e possibilitaram o avanço dessa ciência que é muito mais do que um simples complemento da psiquiatria, enquanto uma especialidade médica. Isto é, a psicologia não se limita a tratar de distúrbios, mas a tentar explicar os processos psíquicos do ser humano.

Enfim, o tratamento psicanalítico de diversos transtornos mentais continuam a se revelar eficazes e a ajudar uma grande quantidade de indivíduos a ficarem em paz consigo mesmo e com a vida. Como já se disse, a psicanálise pode ser um co-adjuvante no tratamento de algumas doenças.

Em outros casos, ela pode se tornar a protagonista, evitando o recurso aos produtos farmacêuticos e seus inevitáveis efeitos colaterais. Pode também levar as pessoas a entenderem que os conflitos internos são inerentes ao ser humano normal, auxiliando-os a conviver com eles.

Autores expoentes na conexão psicanálise e educação, Cifali e Imbert, em Freud e a pedagogia, tratam da natureza da contribuição da psicanálise à educação. Apesar de não se tratar de um tema inédito, pois os mesmos autores já o abordaram nas obras que produziram individualmente, num trabalho como esse é sempre necessário recuperar toda uma história de esforços e expectativas em torno da contribuição entre os campos, além de preservar suas especificidades.

Inicialmente, Cifali e Imbert evidenciam a esperança dos psicanalistas, nitidamente presente nas comunicações entre Freud e os seguidores da "causa", quanto à função profilática de uma educação psicanaliticamente orientada, principalmente enquanto se pensava numa educação psicanalítica voltada para o individual (como uma análise infantil).

Sabendo-se que a civilização tem seu fundamento na "renúncia pulsional", a responsabilidade da educação estaria em avaliar os efeitos destrutivos de uma "espécie de hipocrisia" dos ideais culturais. À educação caberia tornar o homem apto para a cultura e útil à sociedade, sem dele exigir sacrifícios.

Logo, como apontam os autores, os textos psicanalíticos mostraram que o mal-estar da civilização é inerente ao desenvolvimento cultural. Sendo assim, não há educação que possa abrandar a insatisfação que caracteriza a sexualidade humana. Numa carta a Fliess, de 14 de novembro de 1897, Freud afirma ser o desprazer inerente à sexualidade, uma "repressão orgânica". O homem utiliza da moralidade para defender-se da sexualidade. Então, não é a moralidade a causa da repressão sexual, mas uma repressão presente na natureza mesma da pulsão sexual.

Explorando os textos psicanalíticos, Cifali e Imbert apresentam outros argumentos em torno do inevitável mal-estar da civilização: a impossibilidade de satisfação sexual completa está atrelada à "intervenção da barreira do incesto", isto é, qual quer objeto é substituto, e nunca o objeto originário (a mãe).

A renúncia ao incesto foi condição para a existência da civilização, mais ainda, é a partir do sacrifício do poder absoluto e do gozo absoluto que o homem se desenvolve. Nesse contexto, o Complexo de Édipo vem prestar o serviço de introduzir o sujeito na castração.

Diante da inevitável e constitutiva insatisfação humana, os autores perguntam-se: qual seria o papel das ilusões? Resposta: o de poupar-nos de sentimentos de desprazer. E, diante dessa mesma realidade, qual seria o papel da educação? Do ponto de vista psicanalítico, conduzir as energias originariamente perversas para fins socialmente úteis, a sublimação.

As histórias de contos de fadas são muito mais importantes para o desenvolvimento das crianças do que se pode supor por mera intuição. Ao mesmo tempo em que as divertem, os contos também as esclarecem sobre si próprias e favorecem o desenvolvimento de sua personalidade.

Longe de serem apenas histórias "inocentes", elas são autênticas obras de arte, com profundos significados psicológicos. Muitos desses contos são analisados na obra *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bettelheim.

Nesta obra o autor demonstra que para dominar problemas psicológicos do crescimento, tais como decepções narcisistas, dilemas edipianos, rivalidades fraternas, etc., a criança precisa entender o que está se passando dentro de seu eu consciente para que também possa enfrentar o que se passa em seu inconsciente. Isso, no entanto, não é alcançado através de uma compreensão racional, mas sim através de devaneios, de fantasias.

Tanto na criança quanto no adulto, se o inconsciente é recalçado e nega-lhe passagem à consciência, a mente consciente da pessoa sofrerá intervenções de derivativos desses elementos inconscientes, que tentarão a todo custo se tornar conscientes. Mas quando esse material tem, até certo ponto, permissão de emergir ao nível de consciência e ser trabalhado pela imaginação, seus danos potenciais ficam muito reduzidos, e podem até ser colocados a serviço de propósitos positivos (sublimação).

Por mostrarem também o lado perigoso da vida, os contos de fadas são muito mais realistas do que determinadas histórias modernas para crianças. Alguns pais pensam que apenas imagens positivas devem ser mostradas às crianças, como se a vida fosse apenas flores. Mas a criança já sabe que as coisas não são assim. A criança sente seus impulsos agressivos, seus desejos de destruição dos pais ou dos irmãos, por exemplo. Elas sabem que não são sempre boas, e se os pais insistem em não lhes revelar como as coisas realmente são, isso "torna a criança um monstro a seus próprios olhos."

As histórias chamadas "seguras" procuram evitar problemas existenciais e não mencionam nem a morte e nem o envelhecimento. O conto de fadas, ao contrário, "conforta a criança honestamente com as dificuldades humanas básicas." Muitas histórias começam com a morte da mãe ou do pai, o que cria problemas angustiantes para os personagens, da mesma forma que o simples temor de perder seus genitores angustia a criança na vida real.

Outras importantes características dos contos de fadas é que neles o mal é sedutor, atraente (como a rainha em Branca de neve ou o lobo em Chapeuzinho vermelho), e que as personagens não são ambivalentes, isso é, boas e más ao mesmo tempo. Nos contos o que predomina é a polarização, assim como acontece na mente da criança.

A polarização significa que não existem personagens que sejam bons e maus ao mesmo tempo, mas sim que eles são ou bons ou maus. A criança não teria maturidade ou capacidade suficiente para discernir o caráter de um personagem que fosse ambivalente. Além disso, ela vê dessa forma

(polarizada) os seus próprios pais. Ela não pensa que aquela mãe que sempre satisfaz os seus desejos quase que imediatamente através do efeito mágico do seu choro, quando mais nova, seja a mesma que agora está lhe fazendo exigências e não lhe atende em todos os seus pedidos, à medida que cresce. Nos contos essa polarização da mãe, por exemplo, aparece representada no par bruxa (madrasta)\mãe boa. A bruxa é a parte da mãe que lhe faz exigências ou representa uma ameaça, e a mãe boa é aquela que satisfaz os seus desejos a todo instante e lhe oferece conforto e proteção.

Uma das mais importantes características dos contos de fadas é que eles oferecem esperança às crianças. Contos morais, como fábulas, por exemplo, são mais adequados aos adultos do que aos pequeninos. Apesar de seu inegável valor pedagógico, contos como A cigarra e a formiga, por exemplo, ensinam o que é correto, mas não oferecem esperança de que se possa reparar os próprios erros. Nesta fábula a cigarra simplesmente fica do lado de fora da casa das formigas como punição por sua atitude inconseqüente no inverno. Os contos de fadas, por outro lado, sempre mostram que é possível tentar novamente e acertar da próxima vez.

Cada história é apropriada a uma fase de desenvolvimento específico da criança, e ela irá se identificar com aquela que naquele momento lhe fala diretamente ao inconsciente e lhe auxilia a solucionar os problemas de crescimento pelos quais está passando.

Contos como João e Maria, por exemplo, retratam o empenho das crianças em se agarrar aos pais, quando chegou o momento de encararem o mundo por si mesmas, e de como lidar com a voracidade oral (eles comem a casa de broa da bruxa). Chapeuzinho vermelho já apresenta alguns problemas de João e Maria como solucionados (Chapeuzinho leva a cesta de comida para sua avó e não se sente tentada a devorá-la, o que aconteceria com João e Maria), mas apresenta outros problemas peculiares a uma fase posterior de desenvolvimento, como a curiosidade sexual representada pela cena dela na cama com o lobo. (A ilustração no início deste texto é de Gustave Doré, e representa essa cena. Note a expressão facial de Chapeuzinho Vermelho,

fascinada pela curiosidade, e de como ela nem se aproxima e nem se afasta do lobo ao seu lado na cama).

A história dos Três Porquinhos trata principalmente da questão “princípio de prazer versus princípio de realidade”. Ele ensina às crianças que elas não devem ser preguiçosas e fazer as coisas de qualquer maneira, pois isso pode levá-las a perecer. As casas dos três porquinhos e suas ações simbolizam o progresso do homem na história (palha, madeira e tijolos) e, psicanaliticamente, o progresso da personalidade dominada pelo id (princípio de prazer) para a personalidade influenciada pelo superego (mas essencialmente controlada pelo ego). O primeiro porquinho faz sua casa rapidamente porque quer mais tempo para brincar, quer prazer imediato (id, princípio de prazer). O segundo constrói uma casa mais elaborada, mas também de forma imprudente, porque não consegue dominar completamente o princípio de prazer. Somente o terceiro porquinho, já suficientemente maduro e regido pelo princípio de realidade, sabe adiar o momento de satisfação e despende um tempo maior para a construção de uma casa mais resistente e que lhe salvará a vida.

Em Cinderela temos representações de problemas da rivalidade fraterna (sendo Cinderela sempre maltratada e humilhada pelas irmãs mais velhas) e também de problemas edipianos. A situação de Cinderela de cair nas mãos da madrasta e passar por tudo que passou não é bem explicada nas versões da história que temos hoje, mas outras versões antigas difundidas pela Europa, África e Ásia sugerem que o que lhe sobreveio é decorrência de uma situação edipiana. Algumas versões relatam que ela fugia de um pai que queria se casar com ela. Outras contam que ela é exilada por um pai que a pune porque ela não lhe ama da forma que ele exige, apesar de amá-lo muito.

Mas um outro tema muito importante dessa história é a angústia de castração, representado pela auto-mutilação das irmãs que tentam calçar o sapato de Cinderela e enganar o príncipe, cortando uma parte do próprio pé para isso (pois o sapatinho não cabe em seus pés, e a madrasta ordena a cada uma delas que corte ou o calcanhar ou o dedinho para tal). O sapatinho de

Cinderela é um símbolo inconsciente da vagina, e a cena que representa o príncipe calçando o sapatinho em seu pé é um símbolo inconsciente do ato sexual, assim como o ato dos noivos que trocam alianças no altar numa cerimônia de casamento (o anel representando a vagina, o dedo representando o pênis. Maiores informações sobre esse simbolismo se encontram na obra de Bettelheim.).

Freud não propõe modelos de aplicação prática da psicanálise no campo da educação e reconhece essa sua "falta". Diante disso, os educadores psicanalistas recorreram à problemática da noção de "transferência" e do "ideal do ego", que, num primeiro momento, como mostram Cifali e Imbert, favorecia a sujeição à figura do professor, na medida em que encontrava eco no desejo narcisista dele de que a criança correspondesse a suas expectativas.

A subjugação imposta pelas autoridades converte-se em "interdito do pensar". Em 1907, no texto "As explicações sexuais dadas às crianças", Freud reflete sobre as ocultações dos pais a respeito da vida sexual, fruto da má consciência destes. Suas respostas habituais ofendem a pulsão de investigação da criança, que passa a desconfiar dos adultos.

Os autores deduzem da leitura dos textos psicanalíticos que a intimidação foi revelada como o meio e o fim da educação. A religião representa o plano em que, segundo Freud em o futuro de uma ilusão, se elaboram a dependência e o infantilismo. Em "As teorias da sexualidade infantil" (de 1908), Freud torna nítida a diferença entre os propósitos da religião e as teorias sexuais infantis.

De qualquer maneira, a substituição da religião por projetos sociopolíticos, a substituição da religião pela razão contida no discurso comunista, por exemplo, é outra forma de negar as dificuldades inerentes à essência da cultura. Sobre a impossibilidade de uma reforma sociopolítica e educativa que pudesse minimizar tais dificuldades inerentes à cultura, Freud fala em o mal-estar na civilização (de 1930).

No que diz respeito à repressão religiosa e aos ideais políticos, os autores advertem: não há por que fabricar crianças revolucionárias ou crianças dóceis. Aos educadores cabe, sim, a renúncia de submeter a criança ao interdito de pensar.

Como Cifali e Imbert puderam muito bem localizar no conjunto de trabalhos psicanalíticos, uma "educação psicanalítica" seria aquela capaz de acolher a realidade das pulsões, ao mesmo tempo em que não deve permitir o livre acesso delas à satisfação. A educação deve buscar um "nível ótimo" entre privação e permissividade.

Para Cifali e Imbert mostram na análise dos textos freudianos, que houve o reconhecimento de que a psicanálise não oferece possibilidade de profilaxia das neuroses pela educação, tal como era desejado no início. Por outro lado, autores como August Aichhorn acreditaram que o educador poderia recorrer ao corpo teórico psicanalítico para esclarecer e corrigir sua tarefa.

De que maneira a educação poderia cumprir com a sua função? Como a psicanálise contribuiria no contexto educativo? Esta é a pergunta que os psicanalistas herdaram de Freud. E, entre os pioneiros nessa busca pela conexão entre os campos, encontramos o pastor e pedagogo Pfister, que, encorajado por Freud, defendeu os direitos dos pedagogos à psicanálise. Cifali e Imbert ressaltam que tal entusiasmo em ambos reside no interesse dos psicanalistas em abrir o exercício da psicanálise para pessoas sem formação médica. Em "A questão da análise leiga" (entre 1913 e 1926) Freud esforça-se em não deixar a formação médica recobrir o empreendimento psicanalítico, impedindo-o de atingir seu objetivo e de limitar sua aplicação. Diante disso, Freud vislumbra a pedagogia (que põe fora do inventário das ciências) como via de aplicação psicanalítica.

Como nos mostram os autores, Freud, tendo avançado em seus trabalhos, reconsidera seu entusiasmo inicial e afirma a impossibilidade de que a psicanálise venha a substituir a educação, bem como delimita a "situação



psicanalítica" no sentido de mostrar a especificidade do tratamento infantil. Dessa forma, insinua a necessidade de uma "pesquisa aprofundada" da realidade infantil no tratamento psicanalítico, que, de certa forma, anunciava o trabalho de sua filha, Anna Freud.

Disposto a apoiar o empreendimento da filha, Freud opõe-se a Melanie Klein. Anna Freud define que o trabalho analítico com crianças tem um fundo contraditório: é preciso que analise e eduque. A educação teria como propósito preparar a criança para a análise, na medida em que fortalecesse seu superego. Melanie Klein, por outro lado, denunciava o caráter esmagador e sádico do superego infantil e incluía na função do analista de crianças o que já fazia parte da atribuição do analista de adultos: aliviar a ação do superego.

Os autores de Freud e a Pedagogia fazem um percurso pelas proposições de Aichhorn e Zulliger. O primeiro vê-se preocupado em compreender a delinquência, e por isso recorre aos ensinamentos psicanalíticos. Cifali e Imbert destacam esse autor como o primeiro a considerar a necessidade de uma reforma no ambiente educativo, definido na relação dual professor-aluno. Para tanto, Aichhorn descreve uma relação educativa favorável, a partir de uma "transferência positiva" e de uma "nova orientação do Ideal do ego".

Embora seja incontestável a grande quantidade de informação produzida pela investigação psicanalítica sobre a criança, o desenvolvimento e a aprendizagem, o debate sobre a relevância dos diferentes contributos psicanalíticos para a educação tem permanecido muito aceso durante décadas.

As posições de Zulliger ou Pfister são completamente diferentes. Ambos se empenharam no trabalho analítico na escola. Zulliger (1928) não deixa, no entanto, de se demarcar, mais tarde, de qualquer assimilação da Pedagogia psicanalítica à Psicanálise enquanto forma de intervenção terapêutica individual.

Outra posição extrema clássica, antagônica à de Redl, é a de Federn (1930). Para ele, a partir da descoberta do transfert por Freud, a Psicanálise faz parte das técnicas da Pedagogia. Seria talvez uma posição dogmática ou proselitista, mas pelo menos, acentua a necessidade de deixarem de se utilizar, de maneira cega, as ligações existentes entre educador e aluno.

Na ação pedagógica, como na Psicanálise, será absolutamente necessário ter em conta os aspectos transferenciais envolvidos na relação. O próprio Freud distingue as diferentes naturezas das duas práticas, de forma que a ação educativa não pode ser confundida com o modo de agir da Psicanálise, nem ser substituída por ela. Entende, no entanto, que o educador não se deve abster de usar a sua formação analítica. Faz a separação das duas práticas mantendo a validade da formação analítica para o pedagogo, face à clínica e não à Pedagogia.

As posições clássicas de Burlingham (1937) ou Sterba (1936) situam-se num ponto intermédio: o contributo das descobertas da Psicanálise traz ao educador mais dificuldades e exigências no seu trabalho porque, chamado a uma atitude de escuta e compreensão, não pode nem deve assumir o papel de analista.

Como as condições da prática pedagógica não constituem um quadro adequado à análise dos conflitos psíquicos, o professor, estando mais capaz de os identificar, terá mais dificuldade em lidar com eles, uma vez que os meios pedagógicos ao seu dispor são limitados.

Sterba (1936) está em consonância com Freud acerca de que o pedagogo se deve contentar em tomar consciência da natureza do material que lhe é trazido pelo aluno, mas não se deve deixar tentar por uma aparente simplicidade para dar interpretação. Põe mesmo em questão que seja possível utilizar tal material no quadro de uma actividade pedagógica.

Baietto (1982) vai pegar precisamente nesta aparente simplicidade para enunciar as suas pertinentes críticas à ligação entre Psicanálise e Pedagogia. Critica, em primeiro lugar, as abordagens simplistas e banalizadoras

(pretensamente psicanalíticas) que levam a que todos façam uma espécie de psicanálise ou de intervenção que conduz à real impossibilidade de mudança.

A Psicanálise, assim institucionalizada, torna-se a negação de si mesma. Critica aquilo que designa por perspectivas ortopédicas da Psicanálise, presentes, segundo ele, por exemplo, nas obras de Mauco ou Postic, que levam à produção de uma imagem idealizada do professor, tão alienante como as precedentes. Critica ainda a criação de um professor/homem-orquestra, capaz de dar conta de tudo e sempre estável e coerente no seu comportamento.

Diz haver perigo quando a Psicanálise penetra na Ciência da Educação e no mundo de ensino e é utilizada para criar um discurso normativo. Para si, a Psicanálise é o inverso da Educação e intervém precisamente quando esta falha. Se a Psicanálise faz luz sobre os conflitos psíquicos inerentes ao desenvolvimento da criança, não assegura o seu controle e não pode, por isso, ajudar a construir uma reforma da pedagogia.

A leitura dos fatos psíquicos permite-lhe colocar-se em posição de denunciar e desmontar as ideologias, mesmo as educativas, mas não lhe deve permitir fomentar outras. Ensinar não se pode basear numa doutrina ou ideologia. Gillet (1987) afirma mesmo que a Psicanálise é uma anti-pedagogia e, por isso, é fundamental que não se transforme numa Pedagogia.

Há portanto, bastante consenso sobre as dificuldades inerentes à aplicação dos conhecimentos psicanalíticos no domínio pedagógico. Trata-se de duas práticas diferentes e separadas. Mesmo noções que vêm da prática da psicoterapia analítica, quando são aplicadas à educação, sofrem facilmente distorções e mutações. É o caso, por exemplo, da noção de transfert que, colocada ao serviço de uma perspectiva pedagógica, deixa o campo psicanalítico, passando a funcionar como noção psicológica.

Esta questão coloca como desafio (J. C. Filloux, 1987) a necessidade da relação Psicanálise - Educação deixar de ser olhada como um dilema a ser

ultrapassado. Quando os psicanalistas pretendem legislar sobre a Pedagogia em nome do saber analítico, cessam de ser analistas e assumem-se como super-educadores, super-egos dos educadores e professores que irão falar em nome de uma ordem normativa. A história do movimento da Pedagogia psicanalítica parece mostrá-lo, assim como testemunha que a Psicanálise não pode vir preencher a falta de saber e a falta de poder dos pedagogos, sem perder a sua especificidade.

Assim, Freud e a Pedagogia, trata-se de uma grande contribuição, tanto para os que estão neste momento iniciando sua reflexão em torno do que a psicanálise traz à educação, como para aqueles que já há algum tempo permanecem nesse exercício.